



A Formação Docente em Lexicografia e a Realidade sobre o Trabalho com Dicionários em Sala de Aula

Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão¹ (UFSC)

Rosane Maria Bolzan² (UEL, IF-SC)

Resumo:

O texto apresenta a proposta e a execução de um curso de formação de professores com o objetivo de divulgar o dicionário como instrumento didático. Para tal, propõe-se como empregá-lo adequadamente para que contribua para a aprendizagem da leitura, da interpretação, da produção escrita e do vocabulário. O curso tem em vista a formação do professor, haja vista ele desempenhar um papel fundamental na condução dos aprendizes rumo à expansão dos conhecimentos. Nesse sentido, coletaram-se informações dos professores para averiguar o seu perfil, a sua opinião sobre o uso de dicionários em suas aulas e de que forma os utilizam. O resultado demonstrou que as obras lexicográficas são subutilizadas, que não há acervo suficiente para que se realize um trabalho adequado, que não há tipos de dicionários adequados a seus usuários e também que são obras desconhecidas pela maioria dos professores quanto ao seu potencial e características.

Palavras-chave: Lexicografia, dicionários escolares, formação docente.

Abstract:

This paper presents a proposal for a training course for teachers in order to improve the use of dictionaries in their classrooms. The training course proposes a method how to employ dictionaries properly in order to contribute to the learning of reading, interpretation, writing and vocabulary. The course is focused on training teachers, as they play a key role in leading the students towards the use of the dictionaries. Proper information about the teachers were collected in view of to build a profile about their expectations and how they use the dictionaries in their classrooms. The results showed that the lexicographical works are underutilized. It was further observed that there are not adequate dictionaries for the different purposes they can serve, and that the existents ones are not adequate for the users of them. Moreover, the dictionaries are not properly used because teachers don't know how to do that.

Keywords: Lexicography, school dictionaries, teachers formation.

Introdução

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), criado em 1985, pelo Ministério da Educação do Brasil, teve como objetivo a escolha, aquisição e distribuição gratuita de livros didáticos para os alunos das escolas públicas do Ensino Fundamental. Em 2001, o Programa passou a contemplar a Lexicografia, selecionando e adquirindo dicionários para os alunos dessa fase de ensino. Na avaliação do MEC de 2001, de 23 minidicionários distribuídos a alunos de 1^a. a 4^a. séries do Ensino Fundamental, onze foram considerados impróprios pela incompletude ou inadequação de verbetes (DAMIM; PERUZZO, 2006, p. 95). Em 2004, divulgou-se uma avaliação de minidicionários e de dicionários escolares que continham entre 20.000 a 35.000 lemas. Com base nos critérios e nas notas atribuídas, foram recomendadas para uso no Ensino Fundamental, dezesseis obras, sendo uma com distinção e dez com ressalvas. Gomes (2007, p. 100) informou que no ano de 2005 foi lançado um novo edital do PNLD/Dicionários em que se previam acervos distintos para os dicionários escolares, segundo o critério do número de verbetes e proposta lexicográfica. Todas as obras inscritas no plano deveriam ter uma descrição de sua proposta lexicográfica: nível de escolaridade do aluno a que a obra se destinaria, o critério de seleção vocabular, o critério de seleção de temas (em caso de obra temática), o número total de entradas, de ilustrações, o tamanho e o tipo de fonte empregada.

Antes de 2001, não se dispunha de uma crítica lexicográfica constante e sistemática no Brasil. A partir desse ano, o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através do Programa Nacional do Livro Didático, selecionou os dicionários a serem adotados em escolas de todo o país, divulgando critérios de escolha. Pelo exposto, percebe-se uma valorização crescente de obras lexicográficas no país pela compreensão de que o dicionário tem um potencial pedagógico que auxilia, por exemplo, no processo de leitura, escrita, expressão e entendimento global do léxico. Com isso, o mercado de produção de dicionários se expandiu em quantidade e qualidade, já que as editoras supostamente foram se adequando aos parâmetros estabelecidos pelo MEC.

Na avaliação de 2005, o MEC expandiu o número de critérios e deu lugar a obras divididas em três tipos, considerando as faixas etárias das crianças, o número de artigos

léxicos e a proposta lexicográfica apresentada. O Tipo 1 deveria apresentar de 1.000 a 3.000 artigos léxicos e visaria à familiarização do aluno com o mundo dos dicionários; o Tipo 2 deveria ter entre 3.000 e 10.000 artigos e seria dirigido àqueles alunos que já fossem alfabetizados; o Tipo 3 teria de 19.000 a 35.000 artigos e se destinaria aos alunos das últimas séries do Ensino Fundamental. Essa classificação realizada pelo MEC representou um avanço, pois antes de 2001 não havia, formalmente, o reconhecimento dos diferentes tipos de usuários de dicionários escolares. Não obstante, na opinião de Damim e Peruzzo (2006, p. 96), para uma avaliação mais qualitativa dos dicionários escolares “é necessário levar em conta aspectos como a adequação da proposta do dicionário às necessidades do usuário, a linguagem utilizada, a presença ou não de exemplos e ilustrações, dentre outros”.

Esta nova realidade com relação aos dicionários compõe um quadro mais propício à qualidade dessas obras, já que o MEC se preocupou com a avaliação deles. Esse processo de avaliação também é feito pelos vários pesquisadores engajados em Programas de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) preocupados com a análise dos vários tipos de dicionários escolares que circulam no mercado e nas escolas brasileiras.

Os diferentes tipos de dicionários configuram-se pelas necessidades distintas dos consulentes e pela expansão do mercado editorial em seus negócios, o que dá ao dicionário uma sobrevida, apesar do seu conjeturado desaparecimento em um mundo cada vez mais informatizado. Nessa perspectiva, e tendo em vista a importância do dicionário como um recurso didático-pedagógico, resta saber se esse acervo lexicográfico está realmente chegando às escolas públicas brasileiras. Essa preocupação foi a que determinou a delimitação dos questionamentos feitos aos professores durante o curso de formação, os quais pertencem ao município de Garopaba/SC.

Delimitação do problema

A partir das respostas dadas aos questionamentos feitos aos professores, confirmou-se a necessidade de oferecer um curso sobre o uso de dicionários em sala de aula para que ele saísse do anonimato e fosse, de fato, utilizado como um instrumento didático, juntamente com outros materiais complementares. Para esse objetivo se efetivar, foi necessário oferecer informações aos professores, como um dos agentes principais do

processo educacional. Assim, eles poderiam aplicar as orientações oferecidas durante o curso com seus alunos em sala de aula.

De fato, professores mais preparados podem ser agentes melhor qualificados para a transformação do meio escolar em conjunto com a consideração dos conhecimentos já dominados pelos alunos. Para isso, nesta pesquisa, os professores poderão usar o dicionário como instrumento de integração entre as disciplinas, aplicando as orientações oferecidas no curso, já que todas as áreas se utilizam da língua como meio de comunicação global entre os indivíduos. Não se fala aqui exclusivamente de aulas de Língua Portuguesa ou de Língua Estrangeira, mas também das aulas de História, de Geografia, de Sociologia, de Filosofia, de Matemática, de Química, de Física, de Biologia, entre outras. Contudo, o curso tem seu foco nas disciplinas que têm como objetivo o uso efetivo e o aperfeiçoamento da linguagem, que é o veículo comum para transmitir os conhecimentos. A definição de dicionário deveria abordar o seu caráter multidisciplinar, contudo, quase sempre, são os professores de língua que trabalham com o dicionário. Não obstante, Maldonado vê o uso do dicionário como algo que:

[...] da siempre sus frutos. Y la razón es bien sencilla: quizá sea verdad que nosotros, los profesores de Lengua y Literatura, somos los encargados de iniciar al alumno en la práctica del uso del diccionario, provocando en él una serie de cuestiones [...] que para todas ellas hay solución en el diccionario. [...] será el propio alumno el que, ya de forma autónoma, acuda al diccionario a buscar respuesta a esas preguntas [...] habremos posibilitado que nuestros alumnos hayan culminado el proceso de aprender, ejercitar y automatizar la consulta, y estén preparados para transferirla a otros contextos [...].¹(MALDONADO, 2008. p. 15).

Assim, contemplou-se um curso de formação de professores do Ensino Fundamental, tendo em vista a lacuna que existe nesta área em nível nacional. Damim ratifica esse diagnóstico quando afirma que:

No cenário brasileiro, a Lexicografia [...] e a Metalexicografia [...] não são consideradas como disciplinas na maioria dos cursos de graduação. [...] é uma tarefa que ainda precisa ser desenvolvida, especialmente para que os

¹ [...] dá sempre seus frutos. E a razão é bem simples: talvez seja verdade que nós, os professores de Língua e Literatura, somos os encarregados de iniciar o aluno na prática do uso do dicionário, provocando nele uma série de questões [...] que para todas elas têm solução no dicionário. [...] será o próprio aluno que, já de forma autônoma, vai ao dicionário para buscar resposta a essas perguntas [...] teremos possibilitado que nossos alunos tenham concluído o processo de aprendizagem, exercitar e automatizar a consulta, e estarão preparados para transferi-la a outros contextos [...].

professores possam realizar suas atividades didáticas mais bem capacitados a utilizar dicionários em sala de aula. (DAMIM, 2005. p.31)

Entendeu-se ser primeiro necessário preparar os professores para atuarem de forma mais consciente em sala de aula, especialmente na área da Lexicografia, que, muitas vezes, é relegada a um segundo plano no planejamento do professor, já que ele não possui segurança suficiente para trabalhar com os diversos tipos de dicionários em sala de aula e nem está em condição de valorizar o universo de possibilidades que o uso de obras dicionarísticas é capaz de contemplar. Krieger (2003, p. 71) ratifica essa ideia quando postula que o dicionário é “um lugar privilegiado de lições sobre a língua” e assim se pronuncia sobre o uso da obra lexicográfica:

[...] o uso de dicionários de língua portuguesa, objeto aqui focalizado, auxilia, em muito, o desenvolvimento cognitivo do aluno. Entre outros aspectos, podemos destacar sua contribuição para ampliar o conhecimento: do vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, de aspectos históricos, bem como gramaticais dos itens léxicos, de usos e variações sociolinguísticas (KRIEGER, 2007, p. 298).

Metodologia do curso e seu conteúdo

O curso foi ministrado pela pesquisadora e foi inteiramente presencial, totalizando vinte horas em dois dias consecutivos: 29/04 e 30/04/2011. Foi dirigido especialmente aos professores do município de Garopaba/SC, realizando-se nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pinguirito. As aulas foram planejadas para serem expositivas, dialogadas e com uma parte prática, para que houvesse uma participação e integração maior dos professores ao assunto em discussão e para que visualisassem a aplicação em suas aulas.

Primeiramente, a pesquisadora apresentou seu projeto, leu o termo do consentimento livre e esclarecido para os professores presentes e entregou-lhes as cópias para que fossem assinadas. Em seguida, houve o preenchimento dos questionários que tinham como objetivo traçar o perfil dos professores presentes e de seus conhecimentos em torno do dicionário.

Após, houve o início da primeira aula teórica sobre “O que é o dicionário”, “Clichês associados à obra e sua superação” e “Outros problemas associados ao dicionário”. A

segunda aula teórica foi sobre “Os pilares de nosso saber linguístico”, “Um pouco de história sobre os dicionários”, “Classificação dos dicionários”, “O dicionário nas escolas brasileiras” e “Tipos de dicionários”. Depois dessas duas aulas, houve um trabalho prático, em grupos, para a observação, manuseio e análise dos dicionários selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD/2006). Foram escolhidos sete dicionários² que contemplam os tipos 1, 2 e 3, como apontado acima. Também foram distribuídas fichas do MEC/PNLD para a avaliação de dicionários de tipos 1, 2 e 3, com a finalidade de informar os professores sobre como foi realizada a seleção dos melhores dicionários em 2006. Foram, também, oferecidas cópias do Edital/2011 do MEC para distribuição de dicionários. Houve leitura e discussão em grupos. Em seguida, foi realizada uma apresentação geral sobre as críticas e observações levantadas a partir da leitura do material impresso.

A terceira aula foi planejada para que os professores manuseassem e comparassem os tipos diferentes de dicionários, fazendo uma análise contrastiva entre eles, ao mesmo tempo em que a aula teórica se desenvolvia. Foram apresentados, formalmente, os três tipos de dicionários selecionados pelo MEC/2006 e, para finalizar essa parte, houve uma prática em que os professores deveriam explorar a macro e microestrutura dos dicionários, a fim de serem apresentadas em seminário.

A quarta aula foi preparada tendo como base o livro de Rangel e Bagno (2006) *Dicionários em sala de aula*. Discorreu-se sobre “Algumas maneiras de uso do dicionário em sala de aula”, “Reconhecendo o dicionário” e “Comparações de verbetes de dicionários distintos”. No momento da prática, continuou-se com as apresentações sobre as partes dos dicionários, explorando mais os verbetes e o que eles contêm.

A quinta aula foi sobre “Potencial do uso do dicionário em sala de aula - instrumento para uma formação integral do educando”, “Estratégias e atividades específicas para o uso de dicionários escolares”, “Criatividade na consulta e no emprego do conhecimento adquirido”, “Ludicidade”, “Estratégias de fixação de palavras novas (memória de longa

² Quanto aos títulos dos dicionários foram escolhidos os seguintes:

1) Aurelino: Dicionário Infantil Ilustrado da Língua Portuguesa. Editora Positivo (Tipo 1).

2) Meu primeiro Dicionário Houaiss. Objetiva (Tipo 1).

3) Caldas Aulete Dicionário Escolar da Língua Portuguesa Ilustrado com a Turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Nova Fronteira (Tipo 2).

4) Dicionário Ilustrado de Português. Ática (Tipo 2).

5) Saraiva Júnior: Dicionário da Língua Portuguesa Ilustrado. Saraiva (Tipo 2).

6) Moderno Dicionário Escolar. Moderna (Tipo 2).

7) Dicionário Júnior da Língua Portuguesa. FTD S/A (Tipo 3).

duração)” e “Desenvolvimento do léxico”. A sessão prática dessa aula foi planejada a partir da segunda parte do livro de Rangel e Bagno (2006) chamada “O dicionário na sala de aula: alguns modos de usar”. Os professores tiveram acesso a esse livro e especialmente à segunda parte para que tivessem noções diferentes de como utilizar os dicionários em sala de aula.

Finalmente, na sexta aula, houve o planejamento de aulas voltadas à aplicação do que foi visto no curso, as quais foram apresentadas em seminário. Terminou-se o curso com uma avaliação oral e escrita.

No próximo item, será delimitado o perfil dos professores inquiridos durante o curso de formação e será traçado um recorte da realidade de uma parte das escolas municipais de Garopaba/SC, como forma de acompanhar as possibilidades desses professores frente à política disseminada pelo governo federal em relação à distribuição de dicionários escolares.

Perfil dos professores participantes da pesquisa

O total dos professores que responderam ao questionário foi de dezoito e, destes, apenas um não respondeu sobre a série ou ano em que atuava na sala de aula; os outros dezessete responderam que trabalhavam ou já trabalharam no Ensino Fundamental (6-14 anos); apenas cinco professores trabalhavam, concomitantemente, no Ensino Infantil (0-5 anos) e Fundamental; três atuavam no Ensino Fundamental e Médio (15-17 anos).

Sobre a escola em que atuavam, três professores eram de escolas estaduais e um deles ainda trabalhava em uma escola particular. O restante, ou seja, quinze, eram de escolas municipais.³ Quanto à formação dos docentes, doze professores tinham curso superior e seis eram pós-graduados. Quinze professores responderam que no Curso de Graduação fizeram Pedagogia. A maioria dos professores respondeu que se formou em Instituições de Ensino Superior privadas. Apenas um professor que atuava em escola estadual frequentou uma universidade pública.

A experiência como docentes variou entre três anos e meio a 25. A maioria dos professores tinha uma significativa experiência em sala de aula, ou seja, de treze a 25 anos

³ Foi um curso planejado para professores municipais, mas sobraram vagas, por isso, foi permitida a inscrição de três professores estaduais.

de magistério. Os professores de escolas estaduais possuíam entre trezentos a 450 alunos e trabalham com as disciplinas de Matemática, Ciências e Geografia. Já os professores de escolas municipais tinham entre dez e 56 alunos. Este último número dividido em duas turmas.

A seguir haverá a análise sobre a percepção dos professores que atuavam principalmente no Ensino Fundamental sobre o uso do dicionário em sala de aula.

O que os professores pensam sobre o dicionário e o que revela essa manifestação

Uma das primeiras perguntas feitas aos professores no que se refere a dicionários foi sobre a quantidade de dicionários voltados ao Ensino Fundamental que suas escolas possuíam. A resposta a essa questão variou de dez unidades a cem. Apenas uma professora da rede estadual respondeu que cada aluno dispunha de um exemplar. Dois professores municipais responderam que havia poucos e uma respondeu que não havia.

Nesse fator relacionado ao número de dicionários, os dados apresentados pelos professores chamaram a atenção, pois em apenas uma escola da rede pública estadual, entre três, recebeu um dicionário por aluno; nas municipais, a carência em número de dicionários se evidenciou. O governo federal, antes de 2006, através do PNL, comprometeu-se a distribuir um dicionário para cada aluno da rede. Segundo Moraes e Xatara (2007, p. 18) até 2003, os dicionários distribuídos aos estudantes eram para uso pessoal (um para cada aluno) e, a partir de 2005, houve a distribuição de obras para serem usadas em sala de aula (menos dicionários para serem usados em grupos). Parece que, pelo menos nas escolas representadas pelos professores participantes do curso, esse programa do governo não chegou a se concretizar. Percebeu-se, segundo a descrição dos professores das redes públicas, uma carência significativa em número de dicionários: há escolas que possuem uma quantidade que varia de dez, quinze, até, no máximo, vinte dicionários, conforme depoimento da maioria dos professores presentes ao curso e registrado nos questionários. Assim, o que se esperava ser um número significativo de dicionários nas escolas (um por aluno) traduziu-se em frustração e preocupação, pois não se registrou um número efetivo de dicionários para que se trabalhe com a obra em sala de aula e, muito menos, levando em consideração o número total de alunos das escolas que fica em torno de

cinquenta a 259 alunos.⁴ Quanto aos tipos de dicionários (1, 2 e 3), os professores não conheciam especialmente os do tipo 1 e 2, justamente aqueles destinados às séries iniciais até o quinto ano, ou seja, para crianças de seis a onze anos aproximadamente. Nas escolas municipais representadas pelos professores, havia apenas o tipo 3 e não havia diversidade, mas apenas minidicionários, especialmente os distribuídos antes da avaliação do MEC de 2006.

Os professores foram questionados sobre a utilização de dicionários em sala de aula, bem como se seu uso era frequente ou não. A maioria das respostas, dezesseis, foi: “às vezes, pouco, pouquíssimo, uma vez por semana, não muito, sem regularidade, de acordo com a necessidade, semanalmente, quinzenalmente, algumas vezes, muito pouco, raríssimas vezes”. Apenas um professor respondeu que usa os dicionários todos os dias em sala de aula, sem explicitar em que ocasiões. Os outros responderam que os utilizavam “quando há palavras que a turma não conhece”, “quando aparecem dúvidas dos alunos”, “geralmente como tarefa de casa, com atividades desenvolvidas na sala de aula”, “se houver necessidade”, “sempre que se necessita confirmar o significado de uma palavra e a escrita” e “para alguns trabalhos elaborados pelo aluno”. Uma professora da rede estadual respondeu que, quando trabalhava em uma escola privada, utilizava com mais frequência os dicionários, pois as obras ficavam disponibilizadas na sala de aula.

Essas respostas ratificam a situação do dicionário no ensino brasileiro, ou seja, é uma obra de referência que é utilizada esporadicamente para tirar dúvidas sobre o significado de uma palavra e sobre sua ortografia e que os professores não o utilizam sistematicamente em suas aulas. Portanto, segundo a amostra de respostas coletadas pelo grupo de professores que participaram do curso de formação sobre o uso de dicionários em sala de aula, as obras lexicográficas ainda são subutilizadas.

Em relação à pergunta sobre quem os ensinou a manusear um dicionário, apareceram as respostas: “o professor”, com mais frequência (sete); “os pais” ficaram em segundo lugar e expressões como “a vida escolar”, “ninguém”, “não lembro”, “manuseando-o”, “minha curiosidade”. A análise dessas respostas evidencia a importância dos professores como orientadores dos alunos na aprendizagem do uso do dicionário na escola, já que foi uma das figuras mais marcantes dos professores entrevistados, o que se confirma na prática. Com efeito, muitas vezes, as pessoas não têm condições de comprar um dicionário e, quando se

⁴ Números obtidos a partir de uma entrevista com o Secretário de Educação do município de Garopaba/SC.

deparam com a obra na escola, ela não é adequada para a finalidade desejada. Às vezes, o próprio dicionário traz instruções de como usá-lo, ainda que de forma parcial. No entanto, as pessoas não estão acostumadas a ler tais instruções, passando despercebidas na maioria das vezes. Assim, a figura do professor, geralmente, parece ser quem apresenta o dicionário aos alunos. Na maior parte das vezes, a descoberta de uma obra lexicográfica se dá quando as pessoas começam a frequentar o ambiente escolar. É nesse meio, portanto, que elas poderão receber instruções sobre dicionários, mesmo que parciais, ou aprender a manuseá-los por sua própria conta e curiosidade, como os professores também responderam.

Em relação à distribuição de dicionários às escolas públicas e em que essa ação auxiliou na prática em sala de aula, houve respostas positivas e diversas como: “É mais um instrumento auxiliar para as atividades”, “É uma ferramenta a mais”, “É um suporte a mais para eu trabalhar com os alunos”, “Auxiliou na quantidade para o uso dos alunos”, “Considerando a grande dificuldade dos alunos, auxilia para a ampliação do vocabulário”, “Facilitou o manuseio para alunos de baixa renda familiar”.

Essas respostas evidenciaram que os professores têm consciência de que o dicionário é uma ferramenta de consulta e trabalho em sala de aula e que habilidades voltadas à linguagem, como a ampliação do léxico dos alunos, podem ser melhoradas. Não obstante, em relação ao escasso uso detectado pelas respostas anteriores, percebeu-se uma falta de direção em relação ao uso de dicionários em sala de aula. Ocorreu incerteza sobre a forma concreta de fazer o processo dar certo, qual(is) seria(m) a(s) metodologia(s) a seguir. Vislumbrou-se uma esperança em relação à obra dicionarística, mas não se sabe como utilizá-la de forma efetiva para que as intenções deem certo e se tenham resultados melhores em relação, por exemplo, à ampliação vocabular dos alunos, entre outros objetivos de aprendizagem.

Outras respostas foram mais pessimistas e críticas como “O dicionário que foi doado não tem qualidade muito boa, faltam muitas palavras nele”, “[...] os livros foram doados aos alunos e os mesmos deixaram seus livros em casa”, “Por usar pouco, auxiliou pouco!”. Ao mesmo tempo em que houve a distribuição dos recursos pelo Ministério da Educação e Cultura, houve uma consciência sobre a sua subutilização, bem como sobre a qualidade duvidosa das obras. Surgiu o problema sobre os dicionários que não atendiam às necessidades dos usuários, não contemplando, muitas vezes, o léxico do mundo infantil; outras vezes, havia o problema das remissões e a falta de definições das palavras

procuradas. Ainda ocorreu uma resposta que pode ser interpretada como uma dispensa do uso do dicionário por ser uma obra incômoda de transportar, além de pouco útil, já que, por isso, permanecia em casa. Outra resposta sobre a mesma pergunta foi: “Facilitou o acesso ao dicionário trabalhando de forma mais frequente com o dicionário”. Todos os professores foram unânimes quando questionados sobre a forma como selecionavam os dicionários para suas aulas, respondendo que não havia escolhas e que utilizavam o acervo que a escola dispunha, geralmente os minidicionários que são mais fáceis de serem transportados. Usava-se sempre o mesmo tipo, aquele existente nas escolas, inclusive do mesmo autor. A variação ocorria apenas quando os alunos levavam os próprios dicionários, geralmente minidicionários. Essa resposta é surpreendente tendo em vista a variedade de dicionários que se encontra no mercado editorial e a enorme variedade que surge todos os dias. Fica comprovada a falta de escolha que os professores têm no seu ambiente de trabalho relativa a tipos diferentes de dicionários. Segundo a distribuição do MEC de 2006, as escolas deveriam ter sido contempladas com, pelo menos, três tipos diferentes de dicionários.

Quando os docentes tiveram que citar o nome de um dicionário usado em sala de aula, surgiram “Minidicionário Aurélio”, “Minidicionário Ediouro”, “Aurélio Buarque de Holanda”, “Saraiva”, “Caldas Aulete”, “Minidicionário Luft”, “Michaelis”, “Aurelino” e até um “não lembro”. Os minidicionários afloraram na memória dos professores e foram os mais lembrados, porque, de fato, ocorre um uso maior dessas obras nas escolas, já que são os que chegam até eles e os mais fáceis para transportar. A ideia de que dicionário escolar é sinônimo de minidicionário está arraigada em nosso meio e pode ser comprovada através das respostas dos professores. Apesar de práticos para manusear e leves para transportar, os minidicionários nem sempre são os melhores, isso porque “[...] raramente as versões de dicionários sintéticas são elaboradas com critérios organizacionais definidos e coerentes” (KRIEGER, 2007, p. 300). Além disso, abrir as portas para que os aprendizes passem a consultar dicionários significa dizer que é recomendável que o repertório lexical dessas obras contemple campos temáticos relacionados ao universo dos mesmos, o que aproximaria o usuário do estilo lexicográfico e, muitas vezes, nos dicionários do tipo mini não se encontra esse universo contemplado. Rangel ratifica essa ideia quando postula que:

Planejados, na sua origem, para uma ampla cobertura do léxico, mas severamente limitados em seu escopo pelos limites do suporte “minidicionário”, assim como por sua destinação escolar, esses dicionários

parecem, antes de tudo, *dispersivos* e arbitrários, em sua seleção vocabular. [...] contemplam vários arcaísmos e vocábulos em avançado processo de desuso, ao mesmo tempo em que omitem palavras de amplo emprego cotidiano, especialmente as mais frequentes entre os jovens. [destaque do autor] (RANGEL, 2011. p.46)

Os autores consagrados e que deram nome às suas obras se destacaram entre os citados pelos professores. O dicionário *Aurélio* foi um dos mais lembrados pelos docentes, seguido pelo *Luft* e *Michaelis*. Quanto aos defeitos que os dicionários apresentam, os professores citaram mais a falta de clareza nas definições para alunos que estão em processo de alfabetização, a falta de informações, de atualizações, de exemplos, de ilustrações que ajudem a compreender o significado. Também disseram que faltam atrativos nas obras, que as palavras coloquiais e as gírias não estão dicionarizadas. Além disso, registraram a falta de palavras procuradas e remissões excessivas. Por fim, citaram que há pouca variedade de obras.

Os professores quase não citaram qualidades para as obras. Sobre isso, as respostas foram sucintas e muitas ficaram em branco. Apareceu uma crítica dizendo que “não há qualidade no dicionário da escola”. O que mais apareceu foram “poucas qualidades, verbetes coloridos, letra maior nos últimos dicionários recebidos, ilustrações, livro maior, correção ortográfica”.

A seguir, será contemplada a prática dada aos dicionários em sala de aula pelos professores entrevistados.

O que os professores fazem com o dicionário na prática em sala de aula: vocabulário, produção escrita e oral, expectativas

Os docentes foram questionados sobre que atividades realizavam no cotidiano escolar com o dicionário. As respostas que mais apareceram foram atividades com palavras desconhecidas, pesquisa de significados, escrita correta das palavras, além da ordem alfabética. Uma das atividades mais inusitadas, tendo em vista a repetição das mesmas, foi a que uma professora descreveu: criação e confecção de um dicionário individual de Ciências. A cada bimestre a professora passava vinte palavras do conteúdo que estava trabalhando naquele momento para que os alunos buscassem o significado no dicionário. O objetivo do dicionário (espécie de glossário) era a familiarização com as palavras

desconhecidas e a memorização, em longo prazo, de sua escrita correta (expressão utilizada pela professora). Outra atividade descrita foi “a brincadeira do dicionário”: cada aluno, na sua vez de falar, sugeria uma palavra e os demais escreviam o que achavam que ela significava. Depois, liam o que escreviam como resposta e, finalmente, procuravam no dicionário para saber o que significava. Sobre essa questão, os professores foram breves em suas respostas. Parecia haver uma falta de motivação para comunicar o que faziam em sala de aula, pelo menos por escrito. As atividades foram descritas em três ou quatro palavras e apenas se destacaram as que foram mais descritivas e criativas.

Para incluir vocabulário novo, durante as aulas, os professores responderam que usavam estratégias de leituras de textos em áreas diferentes, como Geografia, História, Ciências, Matemática. Também promoviam conversas, escrita de palavras, produção de textos coletivos entre professor e alunos, escrevendo juntos no quadro ou no caderno. Após lerem um texto com palavras desconhecidas, compilavam o vocabulário desconhecido e procuravam o significado em um dicionário. Ademais, faziam a leitura de um texto com esclarecimentos orais do novo vocabulário. Finalmente, por meio de rodas de conversas, eram apresentadas palavras desconhecidas para despertar o interesse dos alunos.

Em relação à fixação do novo vocabulário estudado em aula, uma das estratégias citadas foi a atividade com produções escritas de relatórios após saídas de campo. Outras estratégias citadas foram descrições de ilustrações, de gravuras, na oralidade e na escrita, resumos de livros, palestras, assuntos trabalhados em aula, além da atividade de imaginação de início de um texto para ser continuado. Também foram citadas histórias contadas, reescrita de livros, criação de notícias, elaboração de frases para cartazes, elaboração de questões, trabalho com conhecimentos trazidos pelos alunos do seu convívio familiar. Apenas um professor citou o dicionário como auxiliar na orientação de palavras desconhecidas, isso quando o texto não era do contexto social do aluno (realidade) e, quando necessário, para auxiliar na produção textual, cuja finalidade era a substituição de palavras com o mesmo significado. Não obstante, ainda não há uma visão geral dos professores voltada ao uso do dicionário em produções textuais, talvez pelo desconhecimento dos vários tipos que existem e pela falta de dicionários disponíveis nas escolas para este fim. Dicionários que contemplam sinônimos, regência verbal e nominal, por exemplo, poderiam auxiliar em produção de textos.

Os professores opinaram se observavam incremento de vocabulário ou não, trabalhado em sala de aula nas produções escritas ou orais. Metade deles disse perceber que havia uma variação positiva no número de vocábulos quando trabalhados. A outra metade ficou em dúvida e disse que, às vezes, acontecia uma melhora na apropriação vocabular, ou seja, por vezes, alguns alunos se destacavam em suas produções textuais, empregando vocábulos estudados, outros não conseguiam avançar. Os professores, no entanto, conseguiram ter uma percepção positiva sobre o aumento de vocabulário de seus alunos, fazendo disso um objetivo a ser alcançado durante as aulas. Também disseram que viam com otimismo a presença do dicionário em sala de aula e consideravam seu uso importante. Disseram, ainda, que, por não terem muitas orientações, usavam o dicionário somente para consultar o significado das palavras e para orientar os alunos quanto à ordem alfabética. Eles têm consciência da importância dos dicionários no meio escolar para enriquecer o vocabulário com o uso de sinônimos, para escrever bem, para usar uma linguagem mais objetiva, para favorecer a leitura, para entender o significado de palavras em contexto, para escrever corretamente as palavras, para aperfeiçoar a interpretação e a aprendizagem e para contribuir no aumento de produções textuais. Também se posicionaram sobre a falta de orientação que eles tinham para usarem obras lexicográficas no ambiente escolar e, especialmente, na sala de aula, bem como o desconhecimento que possuíam sobre essas obras, sobre a sua constituição, sobre suas partes e sobre um possível trabalho integrador com diferentes áreas do saber utilizando os dicionários. Por um lado, percebeu-se uma atitude positiva em relação ao dicionário. Por outro lado, registrou-se uma apatia pela falta de visão integradora que as obras dicionarísticas poderiam proporcionar, provavelmente pela falta de formação e orientação sobre o uso delas nas escolas.

Constatou-se, através das falas dos professores, que o dicionário é uma ferramenta praticamente estranha no trabalho diário em sala de aula. Ele possui uma respeitabilidade, está geralmente nas bibliotecas escolares, mas poucas vezes na sala de aula e menos ainda sendo consultado. Quando consultado, tem uso restrito e breve, como para saber o significado ou para verificar se a escrita está de acordo com a norma padrão da língua. Também havia um desconhecimento ou falta de consciência sobre o uso do dicionário integrado em todas as disciplinas, especialmente naquelas ministradas pelo mesmo professor, o que ocorre até o 5º ano geralmente. A utilização de dicionários nas várias

disciplinas e com o mesmo professor poderia ser um incentivo à aquisição de novos vocábulos, passíveis de serem utilizados em produções de textos.

Uma professora relatou que onde estudava, “o dicionário era um objeto muito especial, apesar de ser pouco, não poderia nem tocar, só o professor de sala. Por isso a dificuldade”. Os professores sentiram-se angustiados em relação a essa realidade de pouco uso dos dicionários e deixaram transparecer um desejo sobre formação e orientação em relação às obras. Assim se pronunciaram: “É realmente pouco utilizado, gostaria de conhecer práticas novas do uso do dicionário. Sou alfabetizadora e pouco utilizei o dicionário a não ser para procurar palavras de forma coletiva, buscando ser leitora do significado de uma palavra desconhecida, lendo para os alunos”; “Que me orientem a usá-lo adequadamente, com outro olhar voltado com detalhes para o dicionário”; “Preciso aprimorar o uso”; “Falta prática”; “Sugestões de como utilizá-lo com maior frequência”, “Aprender a usar de maneira correta o dicionário em sala de aula”, “Ainda não tive aprendizagem significativa para poder utilizar os dicionários de forma realmente produtiva”; “Espero descobrir possibilidades para seu uso no processo ensino-aprendizagem”; “Espero que esse curso contribua com minha prática... e me auxilie a usar o dicionário de maneira correta ou da melhor maneira possível”; “Penso que os professores ainda necessitam de um maior entendimento sobre como usar e de que forma incluir o dicionário em suas aulas. Só dessa forma ele será usado de maneira certa”; “Espero ver se o que faço tá certo, se há algo diferente do que já faço”; “Espero aprender coisas novas para utilizar junto com os meus alunos”.

Percebeu-se no grupo de professores envolvidos no curso de formação uma abertura para novas aprendizagens e um otimismo em relação ao uso do dicionário em sala de aula para melhorar os vários problemas apresentados pelos alunos, como falta de uso de sinônimos das palavras durante a escrita e falta de discernimento entre a grafia padrão e não padrão na forma escrita. Além disso, houve muitos comentários otimistas em relação ao curso. Com efeito, a partir do contato que a pesquisadora teve com os professores em setembro de 2010, quando foi apresentado o projeto aos docentes⁵, uma professora, por exemplo, refletiu sobre o que foi apresentado e resolveu agir, desenvolvendo um projeto na escola onde atuava. A sua ação consistiu na colocação de uma prateleira com dicionários

⁵ Este curso fez parte de uma atividade de extensão ofertada aos professores municipais de Garopaba/SC pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IF/SC), no qual a pesquisadora trabalha como docente. Assim, houve uma apresentação anterior do projeto aos professores que já frequentavam o curso de extensão.

em cada sala de aula de sua escola e na montagem de uma biblioteca interativa acessível a todos, inclusive para empréstimo de livros. Outra professora relatou que trabalhava com montagem de glossários em suas aulas de Ciências e trabalhava em torno de vinte palavras em cada temática desenvolvida, como forma de fixação. Assim, a oferta de cursos de formação a respeito do uso de dicionários, de alguma forma, incentiva para que haja mudanças na prática pedagógica. Também parece haver uma abertura dos professores para melhorarem a sua atividade em sala de aula. Pequenas ações como essas podem começar com estímulos adequados e gerar outras ideias, além daquelas relatadas acima.

Em seguida, haverá o relato das manifestações dos professores sobre a avaliação do curso oferecido, contemplando algumas de suas falas para ilustrar essa avaliação.

Avaliação do curso de formação de professores no uso do dicionário em sala de aula e resultados obtidos

Os professores foram solicitados a fazerem uma avaliação do curso, tendo em vista as suas expectativas, se foram atendidas, se houve aspectos positivos ou negativos. De modo geral, pelas falas dos professores e pelo que deixaram escrito na avaliação do curso, eles gostaram dos momentos de formação, principalmente porque representou novidade: “O curso sobre o uso de dicionários escolares em produções textuais veio esclarecer sobre as inúmeras possibilidades de aplicação dos dicionários em sala de aula, até então desconhecidas. A apresentação do dicionário aos alunos, a forma como deve ser manuseado, como ele é elaborado e organizado, tudo veio ampliar o reconhecimento da importância do uso e confecção de dicionários em sala de aula como recurso didático para melhorar o processo ensino-aprendizagem”; “... tudo que aqui foi discutido, só teve a acrescentar, tanto no pessoal quanto no profissional”; “A colocação e visão de um dicionário ampliou bastante. Desta data em diante fazer uso deste recurso será variado e distinto”; “Gostei muito, foi diferente, uma abordagem nova...muitas informações contidas no dicionário passavam batidas. Aprendi a olhar para o dicionário de forma diferente e com certeza trabalharei com outro enfoque com meus alunos ao retornar para a sala de aula”. “... um novo olhar ao material nasceu, que vem a contribuir e muito, na ampliação, aquisição e construção do aprendizado”; “...conheci e identifiquei vários dicionários e aprendi coisas

que jamais pensei que poderia usar no dicionário. Temos em mente que o dicionário é uso só da língua portuguesa”; “Nossos encontros, foram importantíssimos para a minha aprendizagem, pois já trabalhava com o uso do dicionário, mas de uma forma, ainda tradicional”; “Consegui trocar ideias com o grupo, aprender técnicas novas, conhecer dicionários que ainda não tinha visto, aprender novas palavras como: lexicógrafo, obstaculizam, consulente”; “...é difícil trabalhar dicionários sem noção e nestes encontros, tive essa noção que me será muito útil”; “esse curso foi de grande valia, para ampliar os olhares no que diz respeito à grandiosidade do valor do dicionário nas aulas do dia a dia, em várias disciplinas, que até então era visto de forma superficial”.

Outro fato que foi evidenciado com o depoimento dos professores diz respeito à falta de conhecimento sobre Lexicografia, sobre as partes em que um dicionário se divide, como macro e microestrutura, sobre o que contém o dicionário, sobre o tratamento com as entradas como homônimos, fraseologismos e remissões. Até mesmo termos como lexicógrafo e consulente foram considerados novos pelos professores. Foi uma surpresa para eles perceberem que existem páginas prefaciais, as quais explicam a quem o dicionário se destina e que descrevem a obra com o número de verbetes, além do universo de palavras contempladas para a criança ou o adolescente. Em depoimento verbal, os professores disseram que não conheciam os prefácios dos dicionários, pois isso passava despercebido a eles. Afirmaram que não achavam importante ler essa parte. Dicionário, para eles, consistia em procurar a palavra que desejavam na ordem alfabética. Também ficaram surpresos com sugestões de atividades que estavam nos dicionários apresentados, como no *Aurelinho dicionário infantil ilustrado da Língua Portuguesa* e com os tipos diferentes de dicionários (Tipos 1, 2 e 3).

Os docentes ficaram impressionados com os itens que foram levantados pelo questionário do MEC em 2006 para avaliação de obras lexicográficas. Acharam-no muito completo e disseram que esse trabalho e investimento precisavam ser valorizados pelos professores, desenvolvendo, por exemplo, um trabalho com os dicionários em sala de aula. Também desconheciam a política nacional do governo federal sobre a distribuição de dicionários nas escolas, pelo menos em detalhes como quantidade de dicionários distribuídos e o quanto foi gasto no programa. Não conheciam a obra de Bagno e Rangel (2006) que foi confeccionada para ser colocada à disposição dos professores dos três níveis

das escolas brasileiras e, também, não conheciam a maioria da bibliografia apresentada sobre dicionários.

Os professores foram receptivos à teoria tratada e muito participativos na parte prática. Foi o momento durante o qual puderam perguntar, fazer críticas, trocar ideias com seus colegas de trabalho e com a pesquisadora sobre o assunto dos dicionários. Foi uma espécie de “catarse” sobre práticas pedagógicas, política governamental, condições das escolas brasileiras, especialmente daquelas representadas naquele momento, que foram as municipais, sobretudo, e as estaduais. As práticas de comparações entre os verbetes dos dicionários foram momentos de descobertas dos diferentes tipos de abordagens das acepções que os diversos dicionários proporcionam aos consulentes, o que ficou mais evidente. Para finalizar o curso, os professores apresentaram um plano de aula em grupos que será descrito a seguir.

O que se destacou em comum nos planos de aula realizados foram, como primeira atividade proposta, a apresentação do dicionário para os alunos, os diferentes tipos, a sua constituição, a diagramação, as cores, as gravuras, o fácil manuseio ou não, o tipo de linguagem empregada, ou seja, a necessidade de apresentar a obra a fim de saber como utilizá-la em sala de aula.

Outra ideia dos professores foi quanto ao planejamento de ensino no início do ano letivo das escolas, com uma abordagem multidisciplinar do dicionário, a qual seria usada durante todo o ano. A exposição permanente dos diferentes tipos de dicionários em sala de aula também foi proposta, bem como a mobilização dos que trabalham nela para conseguirem uma diversidade maior de dicionários, já que as escolas representadas no curso não dispunham de um acervo moderno, selecionado e diversificado. Houve o interesse de vários professores que perguntaram sobre o Programa Nacional do Livro Didático/Dicionários porque tinham interesse em conseguir os diferentes tipos de dicionários para suas escolas.

A abordagem de disciplinas como Matemática, Ciências e Geografia foi contemplada por uma equipe, tendo como motivação a presença da escrita de números em alguns dicionários estudados, na parte dos anexos ou prefácio, por exemplo. Assim, outras disciplinas, além de Língua Portuguesa, poderiam se beneficiar do uso de obras lexicográficas, inclusive elaborando glossários específicos daquelas disciplinas, como uma professora presente já fazia em Ciências.

A produção de textos a partir da consulta constante aos dicionários também foi sugerida, além da elaboração de relatórios coletivos sobre o trabalho com o dicionário e a exposição nas salas de aula do que havia sido realizado. Outra sugestão dizia respeito à proposição de um trabalho amplo que englobasse todas as turmas de uma escola, elegendo uma temática que seria trabalhada em campos semânticos de palavras, com o dicionário como ferramenta didática. Haveria a apresentação de textos individuais e coletivos ao final de um semestre ou ano letivo, bem como a organização de uma amostra do trabalho realizado com o dicionário e os resultados obtidos.

Com efeito, as sugestões dos professores pareceram atraentes, pensadas e repletas de um desejo de transformar a realidade em que se encontram os dicionários nas escolas. Quem sabe um novo sentido, mais atuante e disposto a mudar a situação secundária, quase de abandono em que se encontram as obras lexicográficas nas escolas, tenha sido lançado a partir deste curso de formação em Lexicografia. Só o tempo poderá responder a essa questão, além da ação pedagógica do dia a dia dos professores em suas salas de aula.

Considerações finais

Após o curso e aspectos levantados sobre o mesmo, a realidade que se destacou sobre o grupo de professores contemplados ainda é bastante precária, exceção feita a dois ou três professores que fizeram um trabalho pioneiro com dicionários em sala de aula, embora não desenvolvessem um trabalho sistemático com essas obras. A partir da realidade das escolas envolvidas na pesquisa do município de Garopaba/SC, constatou-se, também, que o material, além de escasso, era precário. Constatou-se, principalmente, a falta de tipos diferentes de dicionários e dos classificados pelo MEC/2006 para o trabalho com o Ensino Básico, como os do tipo 1 e 2, destinados às crianças em fase de alfabetização e àquelas que estão em fase de consolidação da escrita.

Em edital de licitação para compra de dicionários do ano de 2011, foi anunciado que dez milhões de dicionários com a nova ortografia seriam distribuídos para as escolas brasileiras. Seriam dicionários para alunos da Educação Básica da rede pública e atingiriam um milhão de salas de aula. O custo previsto foi de cem milhões de reais e seriam distribuídos dez dicionários por sala de aula. Resta saber se, de fato, chegarão às escolas, bem como quando e de que forma serão utilizados.

Outra constatação é que, segundo os professores entrevistados, a figura do docente se destaca pelo seu papel fundamental na condução dos aprendizes rumo à expansão dos conhecimentos relativos aos dicionários. Parece ser no meio escolar que as pessoas têm acesso maior ao dicionário e acabam por manuseá-lo mais frequentemente. Por isso, evidencia-se a importância de formar professores com orientação e conhecimentos na área da Lexicografia e Metalexigrafia Pedagógica para que o dicionário tenha um lugar reservado na prática do dia a dia das salas de aula. Isto significa dizer que, pela conscientização dos professores sobre a importância da Lexicografia na sua formação e vida profissional, poderá haver uma maior utilização dos dicionários em sala de aula e, com isso, a propagação dos conhecimentos que essas obras oferecem.

Outra verificação realizada após a análise dos dados, portanto relacionada ao universo pesquisado, é que ocorre a infrautilização dos dicionários em salas de aula e seu desconhecimento. Esse é um fato relevante, haja vista o investimento que o governo começou a fazer em obras lexicográficas para distribuí-las às escolas públicas desde o ano de 2001. Sobre a infrautilização de dicionários em sala de aula, alguns pesquisadores já se manifestaram, como Krieger (2003, 2006, 2007), Damim e Peruzzo (2006), Gomes (2007), Moraes e Xatara (2007), entre outros. Aliás, esses autores estão na base teórica do presente trabalho de pesquisa.

Pelo contato com os professores durante o curso e pelas suas respostas ao questionário, registrou-se um desconhecimento da estrutura das obras lexicográficas, dos tipos de dicionários editados, disponíveis no mercado, bem como do investimento do governo federal em dicionários. Além disso, há uma concepção de que dicionário escolar é sinônimo de minidicionário, porque são mais práticos para transportar. Porém, o seu número reduzido de verbetes, acaba depondo contra a qualidade da obra e a adequação aos discentes. Krieger ratifica essa idéia:

A concepção de uma lexicografia didática, como uma produção direcionada à escola é de extrema importância, sobretudo porque há uma tendência geral de identificar como escolar os dicionários tipo mini. [...] a compreensão do caráter escolar costuma estar associada mais às suas dimensões reduzidas do que à sua efetiva adequação ao ensino/aprendizagem da língua. (KRIEGER, 2006. p. 247)

O professor, normalmente, não tem formação durante seu curso de graduação para sistematizar a ideia de que o dicionário é um tipo de obra didática com suas especificidades linguísticas e tipográficas e que pode beneficiar no processo de ensino-aprendizagem quando utilizado em suas aulas. A situação preocupante em que se encontram os alunos em relação à escrita, à interpretação, ao léxico, à leitura e à formação lexicográfica, que se reflete nas redações dos vestibulares, se deve, em parte, à falta de formação dos professores nessa área. Isto não significa dizer que todos os problemas citados seriam dirimidos pela divulgação da Lexicografia e utilização de dicionários, mas haveria, isso sim, um conhecimento maior sobre nossa língua, o que contribuiria para melhorar as produções textuais dos alunos, bem como o nível de interpretação de textos.

É necessário, portanto, que, ao lado da distribuição de dicionários se efetivem cursos de formação e oficinas para os professores na área da Lexicografia para que técnicas de leitura e uso de dicionários sejam otimizados nas redes de ensino do país. Segundo Moraes e Xatara (2007, p. 31), a iniciativa do governo de remeter dicionários diferenciados pela faixa etária dos alunos e a série em questão é positiva, entretanto, falta uma proposta pedagógica que invista no conhecimento lexicográfico dos professores que utilizarão esse material.

Somente a distribuição de dicionários não resolve a defasagem de conhecimento lexicográfico. É preciso disseminar as informações entre os agentes da educação, os quais poderão apresentar os dicionários para os alunos em sala de aula. Essa é uma proposição a respeito dessa temática para confrontar uma realidade ainda precária na distribuição e utilização de dicionários nas escolas. Outras poderiam surgir a partir da formação de professores em Lexicografia, como por exemplo, o uso sistemático dos dicionários em sala de aula em todas as disciplinas, pois a visão de que devemos formar integralmente o aluno perpassa pelo oferecimento de oportunidades para que aprenda a se expressar com clareza, coerência, domínio e segurança em diferentes contextos, orais ou escritos. Essas habilidades poderão ser adquiridas com o empenho em um trabalho com o ensino do léxico e a utilização de dicionários, o que pode ter um papel decisivo para o verdadeiro sentido de ensinar e aprender a nossa ou qualquer outra língua.

Referências bibliográficas

DAMIM, C. P.; PERUZZO M. S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. In: XATARA C.; HUMBLÉ P. (Org.). *Cadernos de tradução*. Tradução e lexicografia pedagógica. Florianópolis, v. 18, p. 93-113, 2006.

_____. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*, 2005. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, UFRGS.

Editais de licitação para compra de dicionários 2011. Disponível em:

<http://www.dihitt.com.br/mec-lanca-edital-de-licitacao-para-compra-de-10-milhoes-de-dicionarios>. Acesso em: 02 fev. 2011.

GOMES, P. V. N. *O processo de aquisição lexical na infância e a metalexigrafia do dicionário escolar*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, UNB.

KRIEGER, M. da G. Dicionário de língua: um instrumento didático pouco explorado. In: TOLDO, C. S. (Org.). *Questões de Linguística*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 70-87.

_____. Políticas públicas e dicionários para escola: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. In: XATARA C.; HUMBLÉ P. (Org.). *Cadernos de tradução*. Tradução e lexicografia pedagógica. Florianópolis, v. 18, p. 235-252, 2006.

_____. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007, v. III, p. 295-309.

MALDONADO, Concepción. *El uso del diccionario en el aula*. 2. ed. Madrid: Arco/Libros, 2008. (Cuadernos de Lengua Española, n. 53).

MORAES, A. C. de; XATARA, C. M. A utilização de dicionários de Língua Portuguesa em salas de aula do Ensino Fundamental. *Horizontes de Linguística Aplicada (UnB)*, v. 6, no. 2, p. 15-32, 2007.

RANGEL, E. de O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da "proposta lexicográfica". In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Org.). *Dicionários escolares: políticas, formas & usos*. São Paulo: Parábola, 2011, p. 37-60.

_____.; BAGNO, M. *Dicionários em sala de aula*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006, p. 19, 21. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 23 set. 2010.

¹ **Adja Balbino de Amorim Barbieri DURÃO, Dra.**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

adja@cce.ufsc.br

² **Rosane Maria BOLZAN, Ms.**

Universidade Estadual de Londrina (UEL, IF-SC)

rosanebolzan@yahoo.com.br